

As Ciências Sociais Aplicadas e a Interface com vários Saberes 2



Atena
Editora
Ano 2020

**Wendell Luiz Linhares
(Organizador)**

As Ciências Sociais Aplicadas e a Interface com vários Saberes 2



Atena
Editora
Ano 2020

**Wendell Luiz Linhares
(Organizador)**

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 As ciências sociais aplicadas e a interface com vários saberes 2
 [recurso eletrônico] / Organizador Wendell Luiz Linhares. – Ponta
 Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-85-7247-979-0
 DOI 10.22533/at.ed.790202801

1. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Linhares, Wendell Luiz.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A presente obra, ao abordar as diferentes interfaces das Ciências Sociais Aplicadas, reforça uma de suas características, a qual, cada vez mais vêm ganhando destaque no campo científico, sendo ela, a interdisciplinaridade. Neste sentido, o e-book intitulado “As Ciências Sociais Aplicadas e a Interface com vários Saberes”, configura-se numa obra composta por trinta e um artigos científicos, os quais estão divididos em três eixos temáticos. No primeiro eixo intitulado “Direito, Políticas Públicas, Representações Sociais e Mídia”, é possível encontrar estudos que discutem e apresentam aspectos relacionados tanto ao direito e os procedimentos penais, quanto ao processo de constituição, aplicação e avaliação de Políticas Públicas e a construção de Representações Sociais de sujeitos a partir de veículos midiáticos específicos. No segundo eixo intitulado “Administração, Marketing e Processos”, é possível verificar estudos que discutem diversos elementos que compõem a grande área da administração e como ocorrem determinados processos numa empresa. No terceiro eixo intitulado “Educação, Práticas Pedagógicas e Epistemológicas”, é possível encontrar estudos que abordam de maneira crítica, diferentes práticas pedagógicas e epistemológicas, promovendo assim, uma reflexão histórica e social sobre o tema. O presente e-book reúne autores de diversos locais do Brasil e do exterior, por consequência, de várias áreas do conhecimento, os quais abordam assuntos relevantes, com grande contribuição no fomento da discussão e avanço dos temas supracitados.

Portanto, é com entusiasmo e grande expectativa que desejo a todos uma boa leitura.

Wendell Luiz Linhares

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
(IN)SEGURANÇA JURÍDICA ANIMAL: A NECESSIDADE DE UM PROCEDIMENTO PENAL ESPECIAL PARA OS CRIMES PREVISTOS NOS ARTIGOS 29 E 32 DA LEI DE CRIMES AMBIENTAIS	
Rafael Fernandes Titan	
DOI 10.22533/at.ed.7902028011	
CAPÍTULO 2	12
"ASSÉDIO MORAL" OU LUTA DE CLASSES NO LOCAL DE TRABALHO?	
Iraldo Alberto Alves Matias	
DOI 10.22533/at.ed.7902028012	
CAPÍTULO 3	27
A CAPACITAÇÃO DA BUROCRACIA POLICIAL NO RIO DE JANEIRO E SUA INFLUÊNCIA NO MONOPÓLIO DA VIOLÊNCIA EXERCIDA PELO ESTADO	
Marcio Pereira Basilio	
DOI 10.22533/at.ed.7902028013	
CAPÍTULO 4	49
A INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA E AS POLÍTICAS PÚBLICAS GRELHA DE ANÁLISE:TEORIA GERAL DOS SISTEMAS, NEO-INSTITUCIONALISMO E REDES POLÍTICAS	
Nilza do Rosário Prata Caeiro	
DOI 10.22533/at.ed.7902028014	
CAPÍTULO 5	68
A RELAÇÃO DIALÉTICA ENTRE OS ATORES SOCIAIS (ORGANIZAÇÕES, ESTADO E SOCIEDADE) SOB A ÓTICA DA SOCIOLOGIA ECONÔMICA	
Fábio da Silva	
Sildácio Lima da Costa	
Fábio Paiva de Lima	
Juliana Carvalho de Sousa	
Anita Sara Cavalcante Belmino	
Maria Rejane de Souza	
Paulo Domingos da Silva Matos	
DOI 10.22533/at.ed.7902028015	
CAPÍTULO 6	75
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO JOVEM NO JORNAL <i>DAQUI</i> : O PERIGO E O ENVOLVIMENTO COM DROGAS	
Gardene Leão de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.7902028016	
CAPÍTULO 7	89
AUTORIA COLETIVA E JORNALISMO INDEPENDENTE: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA DO MÍDIA NINJA	
Mateus Antônio Montemezzo	

Angélica Lüersen

DOI 10.22533/at.ed.7902028017

CAPÍTULO 8 108

CURSO DE FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO DE MULTIPLICADORES EM LOCOMOÇÃO E MOBILIDADE URBANA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

André Machado Barbosa

Marco Antônio Serra Viegas

DOI 10.22533/at.ed.7902028018

CAPÍTULO 9 115

DETECÇÃO DE MELHORIAS TECNOLÓGICAS NA PRODUÇÃO DE OVOS NO BRASIL: UMA ANÁLISE DE AGLOMERADOS DE SÉRIES TEMPORAIS

Ana Paula Amazonas Soares

Maria Eduarda da Rocha Pinto Augusto da Silva

Eliane Aparecida Pereira de Abreu

Tales Wanderley Vital

DOI 10.22533/at.ed.7902028019

CAPÍTULO 10 130

INADEQUAÇÃO DA POLÍTICA SETORIAL DE ÁGUA E ESGOTO PARA FAVELAS DO RIO DE JANEIRO

Mauro Kleiman

DOI 10.22533/at.ed.79020280110

CAPÍTULO 11 142

MIGRAÇÃO E DESTERRITORIALIZAÇÃO: SOCIABILIDADE AFETADA E EXCLUSÃO SOCIAL DA FORÇA DE TRABALHO MIGRANTE EM PARAUAPEBAS-PA

Raimundo Miguel dos Reis Pereira

DOI 10.22533/at.ed.79020280111

CAPÍTULO 12 158

FORECASTING SMALL POPULATION MONTHLY FERTILITY AND MORTALITY DATA WITH SEASONAL TIME SERIES METHODS

Jorge Miguel Ventura Bravo

Edviges Isabel Felizardo Coelho

DOI 10.22533/at.ed.79020280112

CAPÍTULO 13 177

A EDUCAÇÃO MONTESSORIANA NA PERSPECTIVA ARQUITETÔNICA

Paula Scherer

Mariela Camargo Masutti

DOI 10.22533/at.ed.79020280113

CAPÍTULO 14 187

A IMPORTÂNCIA DA ARQUITETURA NA PEDAGOGIA DE REGGIO EMILIA E SEUS IMPACTOS EDUCACIONAIS

Paula Scherer

Liamara Pasinatto

DOI 10.22533/at.ed.79020280114

CAPÍTULO 15	200
A INTERDISCIPLINARIDADE NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU BRASILEIRA - ANÁLISE DAS FICHAS DE AVALIAÇÃO DA QUADRIENAL 2017	
Adilene Gonçalves Quaresma	
DOI 10.22533/at.ed.79020280115	
CAPÍTULO 16	221
A PROPOSTA DOS AULÕES AOS JOVENS QUE CUMPREM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA	
Cacau Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.79020280116	
CAPÍTULO 17	230
EDUCAÇÃO ECOSSOCIALISTA: EPISTEMOLOGIA E PRÁTICA ECOLÓGICA	
Marcelo Santos Marques Aécio Alves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.79020280117	
CAPÍTULO 18	242
EU TENHO MEDO DE PROFESSOR...	
Flávio Vieira de Melo Cristiane Aparecida Madureira	
DOI 10.22533/at.ed.79020280118	
CAPÍTULO 19	252
FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL NAS ÁREAS STEM NO BRASIL: AINDA TEMOS POUCO?	
Patricia Bonini Gabriel Akira Andrade Okawati Carolina Fernandes Custódio Fernanda da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.79020280119	
CAPÍTULO 20	264
PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E DIREITOS HUMANOS: UMA NECESSÁRIA CONSONÂNCIA	
Rogério Félix de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.79020280120	
CAPÍTULO 21	278
UM ESTUDO SOBRE A OFERTA DO CURSO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO SUBSEQUENTE EM PESCA DO INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ, CAMPUS ACARAÚ	
Juliane Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.79020280121	
SOBRE O ORGANIZADOR	287
ÍNDICE REMISSIVO	288

A EDUCAÇÃO MONTESSORIANA NA PERSPECTIVA ARQUITETÔNICA

Data de aceite: 20/01/2020

Paula Scherer

Universidade de Cruz Alta-UNICRUZ
São Paulo das Missões – Rio Grande do Sul
<http://lattes.cnpq.br/2682575980078780>

Mariela Camargo Masutti

Universidade de Cruz Alta-UNICRUZ
Cruz Alta – Rio Grande do Sul
<http://lattes.cnpq.br/6987852421241812>

RESUMO: o Método Montessoriano teve origem no início do século XX, e sua pedagogia defende a importância da autoeducação, permitindo que a criança explore, pesquise, interaja e reflita, desenvolvendo-se de acordo com seu ritmo próprio. Para isso lhe é disponível um ambiente preparado na escola, assim como um professor que supervisiona as atividades, garantido que os alunos se sintam estimuladas ao conhecimento com base na liberdade. O objetivo deste trabalho, para tanto, é evidenciar as técnicas da educação Montessoriana e sua origem, dando destaque ao contexto arquitetônico que torna a mesma possível.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Arquitetura. Ergonomia. Percepção do Ambiente.

ARCHITECTURAL PERSPECTIVE

ABSTRACT: The Montessori Method was created in the twentieth century, and its pedagogy defends the importance of self-education, allowing the child to explore, research, interact and reflect, developing according to their own rhythm. In order to do this, an environment prepared at the school is available, as well as a teacher who supervises the activities, ensuring that students feel stimulated to knowledge based on freedom. The purpose of this work is to highlight the techniques of Montessori education and its origin, highlighting the architectural context that makes it possible.

KEYWORDS: Education. Architecture. Ergonomics. Environmental Perception.

1 | INTRODUÇÃO

O Método Montessoriano, fundado por Maria Montessori, considera a criança como um ser livre que pode se educar através das próprias experiências. Essa forma de educação se alicerça no fato de que as crianças aprendem melhor pela experiência direta de procura e descoberta do que pela imposição do conhecimento através de terceiros. A livre escolha da criança, portanto, é importante para seu foco e realização das atividades

(FONTELENE E SILVA, 2012). Dessa forma, tal método se distingue dos tradicionais principalmente pelo fato de defender o desenvolvimento das habilidades dos alunos de forma natural, no ritmo adequado a cada um.

A forma de pedagogia montessoriana foi colocada em prática em 1907, em um bairro pobre de Roma. A primeira escola chamou-se “Casa dei Bambini”, e todas as outras que foram sendo implantadas na Europa receberam também esse nome. O método elaborado por Maria Montessori, mesmo influenciado por pensadores da época, propõe primeiramente sua observação no que a criança tem de mais peculiar (ALMEIDA, 1984). De acordo com Pereira (20-?):

Em uma época em que a educação era marcada por rigidez e até mesmo castigos físicos, Montessori mudou os rumos da educação tradicional ao incentivar o desenvolvimento do potencial criativo desde a primeira infância, elaborando e aperfeiçoando técnicas de aprendizagem que procuravam inter-relacionar e harmonizar atividade, liberdade e individualidade.

Nesse sistema educacional, a arquitetura se insere de forma a proporcionar a fácil interação das crianças com o ambiente através da ergonomia. Segundo Montessori (1990) a disposição dos objetos do ambiente deve estar de acordo com as necessidades das crianças. O controle, que nas escolas tradicionais normalmente é do professor, passa a ser do ambiente, que deve possuir equipamentos, mobiliários e materiais que estimulem a criança a agir e se desenvolver intelectualmente sem precisar constantemente de um adulto. Assim, Lagôa (1981) coloca que o mobiliário deve ser adequado à força e ao tamanho das crianças. Além disso, todos os objetos devem estar dispostos de forma que os alunos possam tocá-los, visualizá-los, raciocinar e questionar.

Para tanto, o Método Montessori busca se diferenciar do método comum introduzindo a liberdade na aprendizagem, para sua melhor realização. Montessori (1965) ainda cita que sob este método não há necessidade de limitar o número de alunos por classe, nem necessita que haja muito material para a educação. Suas classes se disponibilizam a portar pelo menos quarenta alunos e, além disso, o professor não precisa necessariamente ter preparação científica. O que lhe cabe é aplicar bem a arte de eliminar-se, e não transformar o conhecimento um obstáculo através das atividades propostas, mas torná-lo estimulante.

2 | METODOLOGIA

A metodologia do presente artigo foi desenvolvida através de pesquisas bibliográficas sobre o método montessoriano, tendo em vista a arquitetura nele empregada e sua relação com a eficiência do ensino. Dessa forma, os tópicos que

serviram de base para a elaboração do estudo foram: primeiramente a origem do método montessoriano originado por Maria Montessori, e, então, o enfoque passa a ser arquitetura presente do mesmo, cuja rede de ensino se expandiu em caráter mundial.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Interessada pelos mecanismos de desenvolvimento do aprendizado infantil, Maria Montessori idealizou o conhecido Método Montessori. A mesma nasceu em 31 de agosto de 1870 na cidade de Chieravale, na Itália. Foi também, a primeira mulher a se formar em Medicina em seu país (PEREIRA, 20-?). Depois de formada, Maria Montessori começou a trabalhar em uma clínica psiquiátrica na Universidade de Roma. Ali, se interessou pelos deficientes que ficavam junto com os portadores de doenças psiquiátricas agudas. Em 1899, num congresso pedagógico em Turim, Montessori colocou em pauta sua ideia de que crianças deficientes não são seres extra sociais e deveriam ser mais beneficiadas pela educação. Dado seu posicionamento inovador, foi convidada pelo ministro da Educação para dar palestras sobre o assunto. Montessori aceitou, mas para isso exigiu que deveria dirigir uma escola para tais crianças. Assim que atingiu seu objetivo, geriu uma escola em que puderam ser levadas crianças deficientes de outros locais, como asilos de tratamento psiquiátrico (MONTESSORI CAMPINAS, 20-?).

Maria Montessori passou a se dedicar também às crianças que não portavam deficiência. Dessa forma, acreditou que poderia desenvolver um método similar às demais crianças para trazer êxito em aprendizagem. Para isso, continuou a estudar filosofia e psicologia por mais sete anos (MONTESSORI CAMPINAS, 20-?). A materialização do então método montessoriano se iniciou na Itália, em 1907 (SALOMÃO, 2013).

Há muitos anos, Roma era a capital de um Estado em rápido desenvolvimento onde estavam sendo edificados inúmeros novos estabelecimentos. Todo espaço disponível, dessa forma, era utilizado para construir. De um lado do espaço, havia a delimitação através de um dos antigos muros de Roma, que já havia passado por muitas batalhas, e do outro lado havia o cemitério moderno. Esse último veio a ser ocupado só mais tarde em decorrência das superstições de que não seria auspicioso viver perto dos mortos ou, então, pela falta de higiene local. Entretanto, uma construtora decidiu apostar seu dinheiro em um edifício nesse lugar. Era um esquema imenso, mas a ideia era grande demais e a empresa acabou indo à falência antes de terminar a construção (SALOMÃO, 2013).

Segundo Röhrs (2010) o conhecido “Quarteirão de San Lorenzo”, na época, era um local pobre onde se alojavam cerca de mil pessoas. No mesmo originou-se

a primeira escola Montessoriana nomeada “*Casa dei Bambini*” (Casa das Crianças). Sobre o local (figuras 01 e 02), Montessori (1967) afirma que: “Nossa escola era uma casa para a criança, ao invés de uma escola de verdade. Preparamos um lugar para as crianças onde uma cultura diferente pudesse ser assimilada ao meio ambiente, sem nenhuma necessidade para instrução direta”. De acordo com Salomão (2013), o cômodo foi inaugurado no dia 06 de janeiro de 1907, para reunir cinquenta crianças.



Figura 01- Sala de aula na Casa dei Bambini

Fonte: Montessori, 2016.



Figura 02- Pátio da Casa dei Bambini.

Fonte: Montessori, 2016.

Röhrs (2010) cita que em novembro do mesmo ano foi inaugurada mais uma “*Casa dei Bambini*” em um conjunto burguês e moderno, o que foi decisivo para o surgimento de outras, inclusive, fora do país. Segundo Almeida (1984), inicialmente o método foi aplicado em crianças de três a seis anos. Entretanto, passou a ser ampliado, sendo que atualmente atua, inclusive, desde o atendimento da mulher grávida, com orientação para o parto, até o 2º grau. As escolas montessorianas existem desde as cidades mais populosas às pequenas aldeia e cidades rurais. Diferentemente do ensino tradicional, as crianças são divididas em classes agrupadas, que não obedecem aos comuns critérios de seriação. Assim sendo, agrupam-se crianças de 3 meses a 3 anos, de 3 a 6 anos, de 6 a 9 anos, por exemplo.

Em seu sistema pedagógico, Montessori se inspirou na ideia de outros teóricos, pelos quais aprofundou mais seus estudos. Um deles foi Edouard Séguin, aluno de Itard, que lhe serviu de inspiração. Séguin era muito conhecido pelas suas ideias relacionadas ao tratamento médico e à educação das crianças com deficiências. Montessori, pois, obteve resultados positivos ao usar deste método para trabalhar

com crianças consideradas deficientes. Decorrente disso procurou aplicar as mesmas ideias com crianças “normais”, o que foi importante para elaborar seu método (MONTESSORI, 1965).

Dentre os aspectos de destaque da forma de educação montessoriana está o fato de que nesse tipo de instituição os professores não possuem o hábito de corrigir trabalhos: o próprio aluno corrige sua tarefa, que ao perceber seus erros, interage mais facilmente com seu material. Montessori (2015) cita que “o professor caminha pela sala e vive no mesmo ambiente das crianças, e o ambiente é das crianças. Tudo é feito do tamanho delas, não há um espaço só do professor”. O local de vivência das crianças, inclusive, é um espaço de movimentos constantes, sendo parte dele um conjunto de exercícios que ajudam a criança a evoluir sua coordenação, necessária para mover-se com atenção (ALMEIDA, 2015). Montessori (1985) ainda propõe que em seu método a matéria prima do desenvolvimento da criança está dentro dela, por isso, à escola cabe estimular o desenvolvimento dos alunos.

De acordo com Montessori (1990), o ambiente preparado é o local em que a criança passa a desenvolver o aprendizado com liberdade, esse ambiente, pois, deve corresponder à assistência das necessidades físicas e psicológicas das crianças. O mobiliário nele contido precisa ter tamanho adequado e os materiais devem ter fácil acesso. Dessa forma, os ambientes têm função de instigar o aluno e auxiliar no processo de construção do conhecimento. Por isso, para Montessori, os espaços escolares devem estimular a observação e a autonomia, além de fugir da repressão dos métodos convencionais.

A diversificação de cores e texturas dos ambientes e dos móveis é importante para chamar a atenção dos alunos. Além disso, é importante que os móveis sejam flexíveis e leves para que permitam dinamicidade no ambiente que pode ser ocasionada pelas próprias crianças. Tais estratégias podem promover atividades individuais e em grupo de forma que haja concentração e calma entre os alunos (LAGÔA, 1981). Lancillotti (2010), ainda coloca que os objetos nas salas de aula montessorianas são dispostos e ordenados no recinto de modo cuidadoso para a interação das crianças:

Cada criança faz sua própria escolha dentre aqueles disponíveis. E, após utilizá-los, segundo seus próprios interesses e seu próprio ritmo, deve limpá-lo, arrumá-lo, recolocando-o no lugar de onde o retirou, para que possa ser utilizado por outra criança. Se uma criança quiser utilizar algum objeto que esteja em uso por um colega, terá de esperar seu turno; desse modo, exercita-se, segundo a autora, a paciência e a disciplina, e elimina-se a competição entre os pares. (LANCILLOTTI, 2010, p.167).

Os ambientes lúdicos, nas escolas montessorianas, justamente, facilitam a aprendizagem. Um espaço lúdico, de acordo com Santos (2015) “visa criar um

ambiente apropriado que estimule a criatividade, o aprendizado, a diversão e o prazer, sensações desejadas em ambientes corporativos, de convivência e residenciais”. Pinho (2017) ainda considera o significado do próprio termo lúdico como jogo, que quando relacionado com a arquitetura escolar funciona como ferramenta pedagógica que aumenta a produtividade, pois estimula a criatividade e facilita a aplicação de regras nas tomadas de decisões.

A ludicidade da arquitetura montessoriana pode ser incorporada nos vários elementos que a compõem. De acordo com Siqueira (2016) as paredes podem ser apropriadas para atividades como desenhos e escritas, além de possibilitarem a criação de ambientes mais alegres e vibrantes; nos pisos é possível utilizar paginações diferenciadas, sendo que o próprio desenho nele inserido pode designar que diferentes atividades podem ser feitas em um mesmo espaço, como área de leitura e área de recreação em uma mesma sala. Ainda segundo o autor, os corredores podem agregar pequenas exposições de atividades feitas pelos alunos além de serem usados como espaços de pequena permanência; o *playground* deve possibilitar o desenvolvimento de atividades motoras além de estimular a imaginação infantil, para isso ele deve ser seguro, criativo e inspirador através de equipamentos diferenciados que gerem pequenos obstáculos interativos (figura 03).



Figura 03- Parque Bicentenário Infantil de Santiago, Chile.

Fonte: Palma, 2012.

Um exemplo de escola que opta pelo método é a Escola Montessoriana Waalsdorp, localizada em Haia, na Holanda. Projetada em 2014 pelo escritório De Zwarte Hond, conta com 2480.0 m². A estrutura principal consiste de três unidades organizacionais, cada uma com um grupo, de acordo com a idade dos alunos. Essas unidades portam suas próprias salas de aula, circulações multifuncionais e entrada. Próximo à entrada principal fica a área considerada extraclasse, além da sala de

brincadeiras, de estudos técnicos e refeitório. Uma característica interessante do local é que todas as atividades estão conectadas por uma grande “rua” multifuncional que funciona como local de encontro para as crianças brincarem juntas. (ARCHDAILY, 2015). Uma das salas de aula da escola pode ser visualizada na figura 04 a seguir.



Figura 04- Sala de aula da Escola Montessoriana Waalsdorp, Holanda.

Fonte: Archdaily, 2015.

O ambiente escolar pode ser um fator determinante na aprendizagem que a criança desenvolve a partir de sua liberdade. Nesse contexto, de acordo com Lar Montessori (2015) a autoeducação, por exemplo, é um dos pilares do método Montessori. O método proporciona ambiente arquitetônico adequado e os materiais para que o aluno possa se desenvolver a partir de seus esforços, no seu ritmo e seguindo seus interesses. Outro pilar é justamente o ambiente preparado, ou seja, o local onde a criança desenvolve sua autonomia, dispondo mobília acessível e de tamanho ergonomicamente adequado para ela. Ao evidenciar esses pilares, Montessori reforça a importância do contexto arquitetônico na educação.

A arquitetura, dessa forma, pode ser utilizada de modo a desenvolver os conhecimentos do aluno, principalmente nas fases iniciais da infância. Isso porque seus recursos facilitam a evolução dos cinco sentidos (tato, audição, olfato, visão e paladar). Portanto, a criança descobre a si e paralelamente ao mundo que a rodeia através de estímulos disponibilizados por ele por meio da arquitetura.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Maria Montessori fundou o Método Montessori através de estudos aprofundados em filosofia e psicologia. O método começou a ser materializado, primeiramente, em Roma, em uma escola chamada “*Casa dei Bambini*”, no ano de 1907. Depois dos bons resultados observados e dada a demanda, mais escolas foram construídas, até mesmo fora de Roma (MONTESSORI, 2010). De acordo com Montessori (1985), esta escola se difere das demais ao propor que a origem do desenvolvimento da criança está dentro dela, assim, a escola se preocupa apenas em propor condições espaciais e pedagógicas adequadas para o estímulo da aprendizagem.

No que tange à arquitetura do método montessoriano, a mesma preza, principalmente, pelo caráter lúdico, para despertar diversão e prazer através do conhecimento. Pinho (2017) também propõe o aumento da produtividade conquistado por esse tipo de ambiente, pois facilita a aplicação de regras de forma espontânea. Além disso, a arquitetura montessoriana demonstra preocupação em disponibilizar ergonomia e acessibilidade para que a criança tenha uma interação sadia com o ambiente e com os materiais da escola. Hoje, inclusive, existem várias escolas que aderem por este método como a Escola Montessoriana Waalsdorp, localizada em Haia, na Holanda, que, de acordo com as observações mediante o site Archdaily (2015) adere a características como circulações multifuncionais, mobiliário disposto de forma dinâmica e interconexão das salas através de uma rua que se direciona para um espaço de uso comum, dispondo de mecanismos pouco tradicionais.

Em suma, o método montessoriano mostra que o ambiente construído tem um papel muito importante na educação: ele pode facilitar o desenvolvimento sadio da criança e sua interação com os demais colegas e com materiais dispostos a ela. O Lar Montessori (2015), dessa forma, considerou o ambiente preparado como um dos pilares do método, onde sua importância é ainda mais relevante dado que a autoeducação é outro deles.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marta de Assis. **Maria montessori**: Sua vida, algumas obras e métodos para a educação. 2015. 58 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Pará de Minas, Pará de Minas, 2015. Cap. 2015.

ALMEIDA, Talida de. Montessori: o tempo o faz cada vez mais atual. **Perspectiva**: UFSC, Florianópolis, v. 1, n. 2, p.9-19, jan. 1984. Mensal. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/8857>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

ARCHDAILY. **Escola Montessoriana Waalsdorp / De Zwarte Hond**. 2015. Traduzido por Gabriel Pedrotti. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/759921/escola-montessoriana-waalsdorp-de-zwarte-hond>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

FONTENELE, Shirley Maria da Cunha; SILVA, Krícia de Sousa. A contribuição do método

montessoriano ao processo de ensino-aprendizagem na educação infantil. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, 4., 2012, Paraíba. **Anais...** . Campina Grande: Realize, 2012. p. 1 - 11.

LAGÔA, Vera. **Estudo do sistema Montessori**: Fundamentado na análise experimental do comportamento. São Paulo: Loyola, 1981.

LANCILLOTTI, Samira Saad Pulchério. Pedagogia montessoriana: Ensaio de individualização do ensino. **Histed-br**, Campinas, v. 10, n. 37, p.164-173, maio 2010. Mensal. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639787>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

LAR MONTESSORI. **O método**. 2015. Disponível em: <<https://larmontessori.com/o-metodo/>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

MONTESSORI. **Head Star Montessori Teacher Training College**. [20-?]. Disponível em: <http://montessori.com.na/maria-montessori>. Acesso em: 20 jul. 2018.

MONTESSORI, Maria. **A criança**. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

MONTESSORI, Maria. **A mente absorvente**. New York: Sell, (edição 1967). 1949.

MONTESSORI, Maria. **Pedagogia científica**: A descoberta da criança. Lisboa: Portugalia, 309p. Coleção Psicologia e Pedagogia, 1965.

MONTESSORI CAMPINAS. 2000. Disponível em: <<http://www.montessoricampinas.com.br/maria-montessori-2/>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

PALMA, Cristobal. **Parque Bicentenário Infantil/ELEMENTAL**; Archdaily. 2012. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-166614/parque-bicentenario-infantil-slash-elemental>>. Acesso em 20 jul. 2018.

PEREIRA, Lucila Conceição. **Método montessoriano**. [20-?]. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/pedagogia/metodo-montessoriano/>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

PINHO, Raquel. O lúdico no proceso de aprendizagem. **Web Artigos**, Brasil. 13 jun. 2017. Semanal. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/o-ludico-no-processo-de-aprendizagem/21258/>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

RÖHRS, Hermann. Tradução: Danilo Di Mano de Almeida, Maria Leila Alves. **Maria Montessori**. Recife: fundação Joaquim Nabuco, Coleção Educadores. Massangana, 2010.

SALOMÃO, Gabriel. **Como tudo aconteceu**. 2013. Disponível em: <<https://larmontessori.com/2013/12/08/como-tudo-aconteceu/>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

SANTOS, Tony. **A dimensão lúdica da arquitetura e do design**. 2015. Disponível em: <https://www.homify.com.br/livros_de_ideias/18879/a-dimensao-ludica-da-arquitetura-e-do-design>. Acesso em: 21 jul. 2018.

SIQUEIRA, Bruna Ribeiro. **Arquitetura escolar sob ótica do método montessori**. 2016. 112 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Vila Velha, Vila Velha, 2016. Disponível em: <https://issuu.com/brunars05/docs/tcc_bruna_ribeiro_arquitetura_escol>. Acesso em: 18 jul. 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 132, 185, 269, 270, 275
Aglomerados 115, 116, 120, 121, 123
Aglomerados hierárquicos de séries temporais 116
Água e esgoto 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140
Áreas mais precárias 130, 133, 137
Arquitetura 53, 54, 177, 178, 179, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 192, 193, 195, 197, 198, 262
Assédio moral 12, 13, 14, 15, 17, 19, 20, 23, 24, 26
Atores sociais 68, 69, 70, 73, 109, 151, 266
Avaliação 1, 36, 52, 53, 54, 60, 65, 105, 132, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 210, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 265, 266, 269, 273, 274
Avicultura de postura 115, 116, 117, 118, 119, 120, 129

B

Backtesting 158, 159, 161, 165, 166, 167, 173, 175

C

Cidadania 90, 107, 108, 114, 222, 229, 266, 270, 272, 273, 274, 275
Coerção social 69
Coesão 69
Coletivos fotográficos 89, 90, 97, 98, 100, 103
Complexidade 27, 28, 29, 39, 45, 56, 72, 213, 230, 234, 235, 237, 238, 239, 241
Comunicação alternativa 89

D

Desterritorialização 142, 143, 148
Direitos 2, 4, 6, 9, 10, 23, 38, 45, 47, 71, 72, 88, 91, 103, 108, 111, 113, 221, 227, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276

E

Economia ecológica 230, 231, 232, 233, 240
Educação 36, 37, 39, 62, 86, 87, 88, 108, 111, 113, 114, 156, 177, 178, 179, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 219, 220, 221, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 233, 234, 235, 240, 241, 242, 243, 245, 246, 247, 248, 250, 251, 254, 260, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 276, 278, 280, 281, 285
Educação ecológica 230, 233, 234
Ergonomia 177, 178, 185
Exclusão 20, 21, 64, 77, 78, 79, 83, 142, 143, 148, 156, 221, 223, 228, 237

F

Favelas 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Força de trabalho 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 154, 155, 156, 234, 252, 253, 256, 257, 258, 260

Formação policial 27, 28, 36, 46, 47

Fotografia 89, 90, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107

I

Interdisciplinaridade 200, 201, 203, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 224

J

Jornalismo independente 89, 91, 92

Juventude 24, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 83, 87, 88

L

Luta de classes 12, 17, 23

M

Mídia 71, 75, 76, 79, 83, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 268

Mídia ninja 89, 90, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107

Migração 142, 143, 144, 145, 147, 154, 156

P

Percepção do ambiente 177, 187

Polícia 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 43, 45, 47, 78, 79, 83, 85, 86, 87, 104

Política pública 27, 29, 30, 47, 52, 53, 55, 64, 246

Política setorial 130, 133

Políticas públicas 29, 31, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 63, 64, 65, 67, 112, 114, 115, 116, 118, 128, 174, 227, 278, 279, 280, 285

Pós-graduação stricto sensu 200, 201, 219

Projeções de população 158, 159

R

Reggio emilia 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199

Representações sociais 75, 76, 77, 80, 83, 88, 198

Rio de Janeiro 10, 26, 27, 28, 29, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 73, 74, 88, 107, 108, 114, 124, 130, 131, 133, 149, 155, 156, 219, 240, 241, 251

S

Sarima 158, 159, 162, 163, 169, 171, 172, 173

Sazonalidade 121, 123, 124, 126, 127, 158, 159

Segurança pública 27, 28, 29, 30, 31, 32, 42, 45, 46, 47, 78, 134, 175

Sistema do capital 230, 231, 232, 234, 238, 240

Sociabilidade 133, 142, 143, 145, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 156, 230, 234, 239, 270

Sociologia do trabalho 12

Sociologia econômica 68, 69, 70, 71, 73, 74

State space models 162

T

Transdisciplinaridade 220, 230, 237, 241

V

Violência 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 31, 34, 37, 45, 55, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 101, 104, 221, 266, 267, 268, 272, 275

 **Atena**
Editora

2 0 2 0